

RESENHA

DEJOURS, Christophe. **A LOUCURA DO TRABALHO: estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1998.

Izabela Costa Leite Curvina

Graduada em Direito pela UNDB. Especialização em Direito do Trabalho. Acadêmica de Psicologia da Universidade Estácio.

E-mail: izabelacostaleite@gmail.com

Christophe Dejours é um psiquiatra e psicanalista francês, nascido em 07 de abril de 1949, considerado o pai da psicodinâmica do trabalho. Em suas obras, procura estabelecer a ligação entre trabalho e sofrimento.

Em *“A LOUCURA DO TRABALHO: estudo de Psicopatologia do trabalho”*, o autor corajosamente nos convida a refletir sobre a dinâmica do trabalho e o sofrimento psíquico imposto aos trabalhadores, tema ainda muito pouco difundido.

A temática se mostra atual, tendo em vista o ritmo frenético em que estamos inseridos, a uberização das funções, o capitalismo desenfreado e o alto índice de pessoas adoecidas em função do *stress* e esgotamento.

Na maioria das tarefas, mesmo as mais desqualificadas, a exploração passa também pela profundidade do aparelho mental (DEJOURS, 1998, p. 136).

O autor dá início à sua obra relatando o cenário socio-histórico existente à época. No século XIX, inexistia a proteção social, era grande a falta de higiene, promiscuidade, esgotamento físico, acidentes de trabalho, subalimentação, alta mortalidade e longevidade formidavelmente reduzida. Ou seja, não cabe falar de "saúde" em relação à classe operária do século XIX (DEJOURS, 1998, p. 14).

Somente a partir da Segunda Guerra mundial que as leis acerca de indenização das doenças e cuidados com os doentes seriam votadas.

Em uma passagem do livro, o autor trata sobre o caso dos telefonistas em Paris, afirmando que homens trabalham durante a noite, pois as mulheres não têm o direito de trabalhar. À noite, reduz-se o número de pessoal, de forma a se manter o mesmo ritmo de trabalho do dia (DEJOURS, 1998, p. 99).

Até meados de 1914, o corpo é retratado como única causa pelos adoecimentos dos trabalhadores nas indústrias. Porém, entre 1914-1968, o tema das condições de trabalho começa a ser reivindicado pela classe operária.

O medo e a pressão no trabalho surgem como estratégias necessárias para a produtividade dos empregados. A exploração do medo aumenta a produtividade, exerce uma pressão no sentido da ordem social e estimula o processo de produção (DEJOURS, 1998, p. 115).

Dejours delimita os modelos de trabalho vigentes a três, quais sejam: fordismo, taylorismo e toyotismo. Cada modelo tinha suas peculiaridades e pressionava o trabalhador de maneiras distintas. Acerca do taylorismo, o autor afirma que:

A ansiedade, o tédio frente à tarefa, ele deverá assumi-los individualmente, mesmo se estiver no meio de uma colmeia, porque as comunicações estão excluídas, às vezes até proibidas. No trabalho taylorizado não há mais tarefa comum, nem obra coletiva, como é o caso da construção civil ou da pesca marítima, por exemplo (1998, p. 39).

Ou seja, o indivíduo se via cada vez mais solitário e desmotivado. A depressão conhecida hoje por nós, à época era intitulada “melancolia” e muitos desses trabalhadores eram acometidos de grande melancolia. A organização do trabalho se chocava com a saúde mental.

Dejours também nos esclarece que trabalho e medo frequentemente estão associados e que a investigação da angústia somente deve ser investigada pela psicanálise (1998, p. 63).

O autor nos remete ao trabalho das telefonistas e ao sofrimento psíquico pelo qual as mesmas passam. Em suas palavras, “O trabalho não causa o sofrimento. É o sofrimento que produz o trabalho” (DEJOURS, 1998, p. 103).

Assim sendo, não é cabível que o corpo e a força bruta do trabalhador sejam unicamente debatidos, tendo em vista que o ser humano é um todo e não se compartimentaliza. Temas como assédio moral no trabalho, *burnout*, ansiedade, devem ser discutidos e divulgados como forma de propagar a saúde.



INFINITUM

Revista Multidisciplinar

ISSN: 2595-9549

REFERÊNCIAS

DEJOURS, Christophe. **A LOUCURA DO TRABALHO: estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1998.

